

3ª EDIÇÃO

VERDA

FRANCIS A. SCHAEFFER

DEIRA

*verdadeira*

ESPIR

*espiritualidade*

ITUAL

UMA VIDA CHEIA DE BELEZA, QUE EDIFICA E INSPIRA

IDADE



*Verdadeira espiritualidade* 1999 © Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente por Tyndale House Publishers com o título *True spirituality*, de Francis A. Schaeffer. Traduzido e publicado pela Editora Cultura Cristã com permissão de Tyndale House Publishers, Wheaton, Illinois 60187, USA. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 1999 – 3.000 exemplares

2ª edição 2008 – 3.000 exemplares

3ª edição 2021 – 3.000 exemplares

#### **Conselho Editorial**

Cláudio Marra (*Presidente*)

Filipe Fontes

Hermisten Maia Pereira da Costa

Joel Theodoro da Fonseca Jr

Misael Batista do Nascimento

Tarcízio José de Freitas Carvalho

Victor Alexandre Nascimento Ximenes

#### **Produção Editorial**

*Tradução*

Hope Gordon Silva

*Revisão*

Gaspar de Souza

Marcos Leonardo Paixão da Silva

Wilton Vidal de Lima

*Editoração*

Spres Diagramação

*Capa*

Jonatas Belan

---

S294v Schaeffer, Francis A.

Verdadeira espiritualidade / Francis A. Schaeffer; tradução Hope Gordon Silva. — São Paulo: Cultura Cristã, 2021.

192 p.

Título original: True spirituality

ISBN 978-85-7622-964-3

Tradução: Gospel centred preaching

1. Vida cristã. 2. Cosmovisão. I. Silva, Hope Gordon. II. Título.

---

CDU 248.15

Sueli Costa - Bibliotecária - CRB-8/5213

(SC Assessoria Editorial, SP, Brasil)

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORIA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

A meus bons amigos

EDITH  
PRISCILLA / JOHN  
ELIZABEE  
BECKY  
JANDY  
SUSAN / RAN  
MARGARET  
KIRSTY  
FIONA  
DEBBY / UDO  
NATASHA  
SAMANTHA  
FRANKY / GENIE  
JESSICA

*Abril de 1971*



# SUMÁRIO

PREFÁCIO .....	7
PRIMEIRA PARTE: LIBERDADE IMEDIATA DAS AMARRAS DO PECADO	
CAPÍTULOS 1-7	
<i>Considerações básicas sobre verdadeira espiritualidade</i>	
1. A Lei e a lei do amor .....	11
2. A centralidade da morte.....	25
3. Da morte à ressurreição.....	37
4. No poder do Espírito .....	53
<i>Unidade bíblica e verdadeira espiritualidade</i>	
5. O universo sobrenatural.....	67
6. A salvação: passada, presente e futura.....	77
<i>A prática da verdadeira espiritualidade momento por momento</i>	
7. A esposa frutífera .....	87
SEGUNDA PARTE: LIBERDADE IMEDIATA DOS RESULTADOS DAS AMARRAS DO PECADO	
CAPÍTULOS 8-13	
<i>O homem separado de si mesmo</i>	
8. Livre na consciência.....	99
9. Livre na vida dos pensamentos.....	113
10. Cura substancial dos problemas psicológicos .....	129
11. Cura substancial e total da pessoa.....	141
<i>O homem separado de seu semelhante</i>	
12. Cura substancial nos relacionamentos pessoais.....	155
13. Cura substancial na igreja .....	171



# PREFÁCIO

**E**ste livro está sendo publicado depois de vários outros, mas, em certo sentido, deveria ter sido meu primeiro. Sem o material que aqui se encontra não haveria hoje o L'Abri. Em 1951 e 1952 enfrentei uma crise espiritual em minha vida. Eu tinha voltado do agnosticismo e me tornado cristão muitos anos antes. Em seguida havia sido pastor por dez anos nos Estados Unidos, e então, durante alguns anos, Edith, minha esposa, e eu trabalhamos na Europa. Durante esses anos, pesava-me a responsabilidade de representar a posição cristã histórica e a pureza da igreja visível. Aos poucos, no entanto, constatei um problema – o problema da realidade. Ele tinha duas partes: primeiro, tive a impressão de que, para muitos daqueles que sustentavam a posição ortodoxa, faltava a realidade nas coisas que a Bíblia claramente dizia que deveriam ser o resultado do cristianismo. Segundo, gradualmente crescia em mim que minha própria realidade era menor do que deveria ser nos primeiros tempos antes de me tornar cristão. Reconheci sinceramente que eu precisava voltar e repensar toda a minha posição.

Morávamos em Champèry na época; eu disse a Edith que, por bem da honestidade, precisava mesmo percorrer o caminho de volta a meu agnosticismo para repensar todo o assunto. Reconheço que foi um período difícil para ela e que ela orou muito por mim durante aqueles dias. Eu saía a caminhar nas montanhas quando o tempo estava bom, e quando chovia andava de um lado a outro do celeiro do velho chalé em que morávamos. Eu caminhava, orava e meditava naquilo que as Escrituras ensinavam, ao mesmo tempo em que revia minhas próprias razões para ser cristão.

Ao repensar esses meus motivos de ser cristão, vi novamente que havia razões totalmente suficientes para saber que o Deus infinito-pessoal existe, e que o cristianismo é verdade. Indo adiante, vi algo mais que fazia profunda diferença na minha vida. Examinei o que a Bíblia dizia com respeito à realidade como cristão. Gradualmente fui vendo que o problema era que, com

todos os ensinamentos que eu havia recebido depois de me tornar cristão, tinha ouvido muito pouco sobre o que a Bíblia diz quanto ao sentido da obra concluída de Cristo para nossa vida presente. Aos poucos o sol raiou e a canção soou. Interessante é que, embora eu não tivesse escrito poesia nenhuma durante muitos anos, naquela época de alegria e canto descobri que a poesia fluía de novo – a poesia da convicção, da afirmação da vida, da gratidão e do louvor. Admito que a poesia não tenha sido das melhores, mas expressou a música no meu coração que era maravilhosa para mim.

Esta foi, e é, a base verdadeira de L'Abri. Ensinar as respostas cristãs históricas e responder com honestidade às perguntas sinceras são duas coisas cruciais, mas foi dessas lutas que veio a realidade, sem a qual um trabalho incisivo como L'Abri jamais teria sido possível. Eu e nós todos só podemos sentir gratidão.

Esses princípios que elaborei em Champèry foram apresentados pela primeira vez como palestras em um acampamento bíblico realizado em um velho celeiro em Dakota, EUA. Foi em julho de 1953. Eles foram feitos em restos de papéis no porão da casa do pastor. O Senhor deu-nos algo muito especial a partir dessas mensagens, e ainda me encontro hoje com pessoas que, quando jovens, tiveram seus pensamentos e suas vidas ali transformadas. Depois que L'Abri começou em 1955, preguei essas mesmas mensagens em Huémoz. Mais tarde foram elaboradas em forma mais desenvolvida e completa na Pensilvânia, em outubro e novembro de 1963. Apresentei-as novamente em Huémoz no fim do inverno e começo da primavera de 1964. Essa foi sua forma final, e a forma na qual foram gravadas nas fitas de L'Abri. O Senhor vem usando as gravações de um modo que nos comove profundamente, não só com aqueles que tiveram problemas espirituais, como em casos de muitos que também tinham necessidades psicológicas. Oramos para que a forma escrita desses estudos seja tão útil quanto as fitas gravadas têm sido em várias partes do mundo.

*Francis A. Schaeffer*

Huémoz, Suíça

Maio de 1971



# PRIMEIRA PARTE

---

## **LIBERDADE IMEDIATA DAS AMARRAS DO PECADO**

*Capítulos 1-7*



# 1

*Considerações básicas sobre verdadeira espiritualidade*

## A LEI E A LEI DO AMOR

A questão diante de nós é saber o que realmente é a vida cristã, a verdadeira espiritualidade, e como ela pode ser vivida no contexto do século 21.

O primeiro ponto que devemos considerar é que é impossível até mesmo começar a viver a vida cristã ou entender alguma coisa da verdadeira espiritualidade antes de alguém ser cristão. A única maneira de se tornar um cristão não é tentando viver uma espécie de vida cristã, nem esperar por algum tipo de experiência religiosa, mas sim pela aceitação de Cristo como Salvador. Por mais complicados, instruídos ou sofisticados que sejamos, ou por mais simples que possamos ser, todos nós precisamos chegar do mesmo modo, quando se trata de tornar-se cristão. Assim como fisicamente os reis da terra e os poderosos do mundo nascem exatamente da mesma maneira que nasce a pessoa mais simples, assim a pessoa mais intelectual precisa se tornar cristã, exatamente como a pessoa mais simples. Isso é verdade para todos os homens, em toda parte, por todo o espaço e tempo. Não há exceções. Jesus disse uma palavra totalmente exclusiva: “Ninguém vem ao Pai senão por mim”.

A razão para isso é que todos os homens estão separados de Deus por causa de sua verdadeira culpa moral. Deus existe, Deus tem personalidade, Deus é um Deus santo, e quando os homens pecam (e todos precisamos reconhecer que pecamos, não só inadvertidamente como também intencio-

nalmente), eles têm culpa moral verdadeira diante do Deus que existe. Essa culpa não é só o conceito moderno de sentimentos de culpa, uma emoção humana de culpa psicológica. É uma verdadeira culpa moral diante do Deus santo, infinito e pessoal. Somente a obra substitutiva consumada de Cristo na cruz como Cordeiro de Deus – na História, no espaço e no tempo – é suficiente para remover isso. Nossa culpa verdadeira, aquele céu insolente que se interpõe entre nós e Deus, só pode ser removida com base na obra consumada de Cristo sem *acrescentar nada* da nossa parte. Toda a ênfase da Bíblia é que na aceitação do evangelho não pode haver nenhuma nota humanística acrescentada em qualquer ponto no processo. A *única* base para a remoção de nossa culpa é o valor infinito da obra realizada por Cristo, a segunda pessoa da Trindade, na cruz, *mais nada*. Quando então nós chegamos crendo em Deus, a Bíblia diz que somos declarados justificados por ele; a culpa se vai, e nós somos devolvidos à comunhão com Deus – para a qual fomos inicialmente criados.

Assim como a *única base* para a remoção da nossa culpa é a obra concluída de Cristo sobre a cruz, na História, sem acréscimo nenhum, assim o *único instrumento* para se aceitar essa obra consumada de Cristo na cruz é a fé. Não é fé no sentido do século 21 ou o conceito kierkegaardiano de fé como um salto no escuro – não é uma solução com base de fé na fé. É acreditar nas promessas específicas de Deus; não mais voltando as costas para elas, não mais chamando Deus de mentiroso, mas levantando as mãos vazias da fé e aceitando essa obra realizada de Cristo conforme cumprida sobre a cruz, na História. A Bíblia diz que nesse momento passamos da morte à vida, do reino das trevas ao reino do Filho amado de Deus. Tornamo-nos, individualmente, filhos de Deus. Somos filhos de Deus a partir daquela hora. Repito: não há como começar a vida cristã a não ser pela porta do nascimento espiritual, assim como não há outra maneira de começar a vida física a não ser através da porta do nascimento físico.

Mas depois de dizer isso sobre o início da vida cristã, precisamos também reconhecer que, embora de início seja necessário o novo nascimento, ele é apenas o começo. Não devemos pensar que, por termos aceitado Cristo como Salvador e assim já sermos cristãos, só exista isso na vida cristã. De certo modo, o nascimento físico é a parte mais importante da nossa vida física, porque não estamos vivos no mundo externo enquanto não nascemos. Por outro lado, entretanto, esse é o menos importante de todos os aspectos de

nossa vida, porque é somente o começo, e logo é do passado. Depois que nascemos, o importante é viver nossa vida em todos os seus relacionamentos, possibilidades e capacidades. Acontece exatamente o mesmo com o novo nascimento. Por um lado, o novo nascimento é a coisa mais importante de nossa vida espiritual, porque só somos cristãos depois que passamos por isso. Por outro lado, no entanto, *depois* que a pessoa se tornou cristã, esse ponto precisa ser minimizado, no sentido de não termos sempre a mente voltada para o nosso novo nascimento. O importante, depois de ser nascido espiritualmente, é viver. Há o novo nascimento, e *então* há a vida cristã para ser vivida. Essa é a área da santificação, desde o tempo do novo nascimento, por toda a vida presente, até Jesus voltar ou até nossa morte.

Frequentemente, depois que uma pessoa nasce de novo, ela pergunta: “O que farei em seguida?”; dão-lhe uma lista de coisas, geralmente de natureza limitada, e tendendo sempre ao negativo. Muitas vezes lhe dão a ideia de que se ela se abster dessas coisas negativas (em qualquer lugar que essa série de coisas ocorra, pode ser em um país particular, localidade e época em que por acaso ela viva), ela será uma pessoa espiritual. Não é verdade. A verdadeira vida cristã, a verdadeira espiritualidade, não é mera questão de um negativo não-fazer de qualquer lista pequena de coisas. Mesmo que a lista tenha começado como excelente lista de coisas para se resguardar naquele exato contexto histórico, ainda precisamos enfatizar que a vida cristã, ou a verdadeira espiritualidade, é mais do que se abster mecanicamente de certa lista externa de tabus.

E por isso ser verdade, quase sempre surge outro grupo de cristãos para começar a trabalhar contra a tal lista de tabus; então existe também uma tendência, uma luta nos meios cristãos entre aqueles que estabelecem certa lista de tabus, e aqueles que, sentindo que há algo de errado nisso, dizem: “Acabem-se todos os tabus, acabem-se todas as listas”. Ambos os grupos podem estar certos e ambos errados, dependendo de como abordam o assunto.

Fiquei impressionado com isso, certa noite de sábado em L’Abri, quando estávamos em uma de nossas reuniões de discussão. Naquela noite em particular, todos os presentes eram cristãos, muitos deles vindos de grupos em países onde “listas” tinham sido muito importantes. Começaram a falar contra o uso de tabus, e a princípio, ao ouvi-los, eu concordei um pouco com eles, na direção em que estavam indo. Porém, à medida que ia escutando, e quando falaram contra os tabus em seus próprios países, entendi claramente

que a vontade deles, realmente, era só poder fazer as coisas que os tabus proibiam. O que desejavam mesmo era uma vida cristã mais frouxa. Mas é preciso enxergar que para desistir de tais listas, ao sentir as limitações da mentalidade da “lista”, não podemos fazer isso meramente para poder viver uma vida mais relaxada. Precisa ser com motivação bem mais profunda. Portanto, acho que os dois lados dessa discussão poderão estar certos e os dois lados poderão estar errados. Não chegamos à verdadeira espiritualidade, ou à verdadeira vida cristã, somente observando uma lista, mas também não é meramente rejeitando a lista, dando de ombros, e vivendo uma vida mais frouxa.

Se considerarmos as coisas externas relacionadas à verdadeira espiritualidade, teremos à nossa frente, não uma pequena lista, porém o todo dos Dez Mandamentos mais as outras ordens de Deus. Em outras palavras, se vejo a lista como um biombo, e digo que essa pequena lista é banal, morta, barata, e se eu pegar a proteção e lançar fora, então não estarei defronte de uma coisa mais solta; estarei confrontando todos os Dez Mandamentos e tudo o que neles está incluído. Também terei pela frente o que pode ser chamado da lei do amor, o fato de que devo amar Deus e devo amar meus semelhantes.

No livro de Romanos, capítulo 14, versículo 15, lemos assim: “Se, por causa de comida, o teu irmão se entristece, já não andas segundo o amor fraternal. Por causa da tua comida não faças perecer aquele a favor de quem Cristo morreu”. Essa é a lei de Deus. Em um sentido muito real, não há nenhuma liberdade aqui. É uma declaração absoluta de que nós devemos fazer isso. É bem verdade que não podemos ser salvos por fazer isso; não conseguiremos fazê-lo em nossas próprias forças; e nenhum de nós o faz com perfeição nesta vida. No entanto, é um imperativo. É um mandamento absoluto de Deus. O mesmo acontece em 1Coríntios 8.12 e 13: “Deste modo, pecando contra os irmãos, golpeando-lhes a consciência fraca, é contra Cristo que pecais. E, por isso, se a comida serve de escândalo a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que não venha a escandalizá-lo”. Logo, quando eu examino uma lista banal e digo que é superficial demais, e a deixo de lado, preciso entender o que estou fazendo. Agora não me deparo com um conceito libertino, mas sou confrontado com o todo dos Dez Mandamentos e com a lei do amor. Assim, mesmo que estejamos tratando apenas de mandamentos *exteriores*, nós não teremos nos mudado para uma vida mais solta, mas ao contrário, teremos nos mudado para algo bem mais profundo e central. Para dizer a verdade, quando chegarmos ao fim da nossa luta honesta diante de Deus, muitas vezes